

# ANÁLISE CRÍTICA: MERCANTILISMO, FISIOCRACIA E ADAM SMITH

Enzo Felipe da Silva Ferreira – Universidade Federal do Pará  
Alanys Maria Raiol Botelho – Universidade Federal do Pará

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise crítica acerca dos seguintes tópicos: mercantilismo, fisiocracia e Adam Smith. Num primeiro momento, será feito um estudo sobre a fonte de riqueza para cada corrente de pensamento, e suas consequências para os períodos históricos. Posteriormente, se analisará a forma de circulação monetária em cada um dos períodos citados, de meados do Século XV, na renascença europeia, até o fim do século XVIII, marcado pelo início da revolução industrial. Por fim, será feita uma síntese daquilo que foi discutido no texto.

## FORMAS DE CIRCULAÇÃO

O período compreendido como mercantilismo se estendeu de meados do século XV e prolongou-se até o século XVIII. Durante esses anos, a moeda metálica era considerada como principal fonte de riqueza, então as trocas tinham como objetivo a saída de mercadorias e a entrada de moeda, com a finalidade de que a moeda fosse reinvestida em novos empreendimentos para gerar trabalho e estimular a produção interna. Era caracterizada como circulação simples (moeda -> mercadoria -> moeda).

As análises fisiocratas e neoclássicas apontaram novos fatores capazes de influenciar a política monetária de uma nação: lucros, aluguéis e salários, respectivamente. Portanto, a moeda não era isoladamente representante de riqueza, e sem outros insumos de produção ela seria estéril. A moeda estimula a aquisição de maquinários e imóveis, o pagamento de salários aos trabalhadores. Durante a primeira revolução industrial as relações de trabalho foram substancialmente alteradas. O artesanato e a manufatura cederam espaço à produção industrial, de maquinofatura. A política monetária sofreu alterações para se adequar à nova realidade, transitando de uma economia estática para uma economia dinâmica e necessitada de crescimento. A circulação de moeda envolvia agora o acúmulo de moedas (moeda’ -> mercadoria -> moeda”) com finalidade de valorizar o trabalho.

## FORMAS DE RIQUEZA

A riqueza na visão dos mercantilistas consistia no acúmulo de ouro e metais preciosos (BLAUG, 1989). Através de uma balança comercial desfavorável, na qual os excedentes de exportações sobre as importações permite o acúmulo de moedas metálicas

Para os fisiocratas, há uma lei natural que governa as sociedades, devendo a sociedade ser estruturada em torno dessa lei. Acreditavam na agricultura como geradora de riqueza, sendo essa a atividade capaz de gerar bens e serviços pois era a única capaz de produzir excedentes.

Smith acreditava que as origens da riqueza envolviam uma investigação profunda acerca do desenvolvimento econômico (PINHO, s/d), se vinculando tanto a especialização da força de trabalho quanto a alocação dessa força em empregos. Com esses elementos, apoiados na crença de que homens tendem a realizar trocas entre si, podendo auferir lucros e ascender socialmente, estimulando por fim a poupança, a produção e o enriquecimento da sociedade.

## CONCLUSÃO

O conjunto de ideias econômicas conhecidas vulgarmente como mercantilismo foi posta no ostracismo por pensadores clássicos. Somente com Keynes, em sua obra Teoria Geral (1936) que foi possível revisitar e repensar sem dogmas como os mercantilistas pensaram os problemas econômicos de seu próprio tempo, numa Europa que transitava de um sistema feudal, majoritariamente agrário, sem unidade política, com pouco ou nenhum uso de moeda e atividade comercial pífia para o comércio expandido no período da renascença

As análises mercantilistas possuem enorme contradição entre si. Hume e Locke discordavam fortemente sobre o valor do dinheiro e a teoria quantitativa da moeda. Mun percebeu que “[...] a abundância de moeda num reino faz subir os preços das mercadorias produzidas internamente.”, demonstrando preocupação com a inflação do mercado interno pelo acúmulo de metais preciosos e exportação de matéria prima.

O legado mercantilista precisa ser revisto com maior cautela. Para entendê-lo, precisa-se conhecer as condições históricas e socioeconômicas da Europa renascentista, e seu afluente no desenvolvimento do capitalismo

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIVA BENEVIDES PINHO et al. **Manual de economia**. São Paulo: Saraiva, 2011.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico uma perspectiva crítica**. [s.l.] Rio De Janeiro Campus, 1987.

CANO, W. **Introdução à economia**. [s.l.] UNESP, 1998.

BLAUG, M. **História do pensamento econômico**. [s.l: s.n.].